

CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO PENSAMENTO LATINO-AMERICANO DA CEPAL: RAÚL PREBISCH E CELSO FURTADO

Isabela Barbosa Rodrigues

Isabela.rodri.ufms@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2025

Resumo. O presente artigo tem por objetivo revisitar o conceito de desenvolvimento econômico no contexto do pensamento latino-americano de Raúl Prebisch e Celso Furtado. Para cumprir com esse propósito, fez-se necessário retomar as próprias bases teóricas de construção da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), perspectiva na qual os autores se inserem. Assim, a Cepal foi uma matriz de um pensamento original que partia de um corpo analítico específico (o método histórico-estruturalista), que seria aplicável às condições históricas e econômicas particulares da periferia latino-americana. A inventividade e inovação dessa abordagem esteve baseada em uma nova forma de análise do desenvolvimento periférico. Como uma escola de pensamento contrária às ideias tradicionais, ela inaugurou novas práticas teóricas e científicas pelas quais era possível pensar a América Latina fora do contexto de desenvolvimento europeu e norte-americano. Nesse sentido, busca-se retomar o conceito de desenvolvimento por parte dos principais cepalinos – o “pai do desenvolvimento” Raúl Prebisch e o economista brasileiro Celso Furtado. O método desta pesquisa consistiu em revisão bibliográfica das obras principais de Prebisch (1983;2000) e Furtado (1977; 2009), além das observações de seus interpretes Ricardo Bielschowsky e Luiz Carlos Bresser-Pereira. Por fim, espera-se que as teorias propostas por dois dos maiores economistas latino-americanos possam ser recuperadas pelo debate acadêmico e público.

Palavras-Chave. Desenvolvimento; Cepal; América Latina.

Abstract. This article aims to revisit the concept of economic development in the context of the Latin American thought of Raúl Prebisch and Celso Furtado. To achieve this purpose, it was necessary to revisit the theoretical foundations of the Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), the perspective within which the authors are embedded. Thus, ECLAC was a matrix of original thought that stemmed from a specific analytical framework (the historical-structuralist method), which could be applied to the particular historical and economic conditions of the Latin American periphery. The inventiveness and innovation of this approach were based on a new form of analysis of peripheral development. As a school of thought contrary to traditional ideas, it

inaugurated new theoretical and scientific practices through which it was possible to consider Latin America outside the context of European and North American development. In this sense, the article seeks to revisit the concept of development as seen by the main ECLAC figures—the "father of development" Raúl Prebisch and the Brazilian economist Celso Furtado. The method of this research consisted of a bibliographic review of the main works of Prebisch (1983; 2000) and Furtado (1977; 2009), in addition to the observations of their interpreters Ricardo Bielschowsky and Luiz Carlos Bresser-Pereira. Finally, it is hoped that the theories proposed by two of the greatest Latin American economists can be recovered through academic and public debate.

Keywords. *Development; Cepal; Latin America.*

Resumen. *Este artículo busca revisar el concepto de desarrollo económico en el contexto del pensamiento latinoamericano de Raúl Prebisch y Celso Furtado. Para lograr este propósito, fue necesario revisar los fundamentos teóricos de la Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), perspectiva en la que se inscriben los autores. Así, la CEPAL constituyó una matriz de pensamiento original, derivada de un marco analítico específico (el método histórico-estructuralista), aplicable a las condiciones históricas y económicas particulares de la periferia latinoamericana. La inventiva e innovación de este enfoque se basaron en una nueva forma de análisis del desarrollo periférico. Como escuela de pensamiento contraria a las ideas tradicionales, inauguró nuevas prácticas teóricas y científicas que permitieron considerar a América Latina fuera del contexto del desarrollo europeo y norteamericano. En este sentido, el artículo busca revisar el concepto de desarrollo desde la perspectiva de las principales figuras de la CEPAL: el "padre del desarrollo", Raúl Prebisch, y el economista brasileño Celso Furtado. El método de esta investigación consistió en una revisión bibliográfica de las principales obras de Prebisch (1983; 2000) y Furtado (1977; 2009), además de las observaciones de sus intérpretes, Ricardo Bielschowsky y Luiz Carlos Bresser-Pereira. Finalmente, se espera que las teorías propuestas por dos de los economistas latinoamericanos más destacados puedan recuperarse mediante el debate académico y público.*

Palabras clave: *Desarrollo; Cepal; América Latina.*

1. Introdução

O presente artigo tem por objetivo revisar o conceito de desenvolvimento econômico no contexto do pensamento latino-americano de Raúl Prebisch e Celso Furtado. Para cumprir com esse propósito, fez-se necessário retomar as próprias bases teóricas de construção da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), perspectiva na qual os autores se inserem. Assim, a Cepal foi uma matriz de um pensamento original que partia de um corpo analítico específico (o método histórico-estruturalista), que seria aplicável às condições históricas e econômicas particulares da periferia latino-americana. A inventividade e inovação dessa abordagem esteve baseada em uma nova forma de análise do desenvolvimento periférico.

Como uma escola de pensamento contrária às ideias tradicionais, ela inaugurou

novas práticas teóricas e científicas pelas quais era possível pensar a América Latina fora do contexto de desenvolvimento europeu e norte-americano. Nesse sentido, busca-se retomar o conceito de desenvolvimento por parte dos principais cepalinos – o “pai do desenvolvimento” Raúl Prebisch e o economista brasileiro Celso Furtado. O método desta pesquisa consistiu em revisão bibliográfica das obras principais de Prebisch (1983;2000) e Furtado (1977; 2009), além das observações de seus interpretes Ricardo Bielschowsky e Luiz Carlos Bresser-Pereira. Assim, o artigo foi dividido em duas seções com a finalidade de cumprir com o objetivo proposto: i) Raúl Prebisch e ii) Celso Furtado.

2. Raúl Prebisch

A CEPAL foi lançada em fevereiro de 1948 com o objetivo de analisar a realidade econômica latino-americana e as raízes do seu subdesenvolvimento. Como uma escola de pensamento contrária às ideias tradicionais, a CEPAL inaugurou novas práticas teóricas e científicas pelas quais era possível pensar a América Latina fora do contexto de desenvolvimento europeu e norte-americano. Em suma, a CEPAL foi uma matriz de um pensamento original que partia de um corpo analítico específico – o método histórico-estruturalista – que seria aplicável às condições históricas e econômicas particulares da periferia latino-americana. Como considera Bielschowsky (2000), o princípio normativo era a criação de um novo paradigma desenvolvimentista latino-americano, capaz de identificar as raízes estruturais do subdesenvolvimento periférico dos países da região.

Com base na perspectiva do desenvolvimentismo latino-americano, Raúl Prebisch, economista argentino do século XX, é reconhecido por ser o “pai do desenvolvimento” e o “Keynes latino-americano”. Isto quer dizer que ele foi o fundador tanto do desenvolvimentismo clássico como do estruturalismo latino-americano da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Sua obra seminal foi o artigo conhecido como Manifesto Latino-Americano de 1949. O nome extenso do Manifesto Latino-Americano é, na verdade, “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais”. Esse texto foi escrito pela primeira vez em 1949 como uma introdução ao *Estudio económico de la América Latina* (Bielschowsky, 2000).

Prebisch, então, fundamenta sua teoria a partir da crítica ao *mainstream* da época (a ortodoxia das vantagens comparativas) e criação de um sistema de ordem econômica

dividido em centro-periferia do capitalismo (Cardoso, 2018). Dentro dessa perspectiva, entende-se por centro os países produtores de bens manufaturados e, por isso, capazes de gerar inovação e progresso tecnológico. Já a periferia, países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento são os produtores de bens primários, muito dependentes da importação de bens agregados das economias centrais (Cardoso, 2018).

Vale ressaltar que o cerne do pensamento prebischiano é a crítica tecida à teoria das vantagens comparativas ricardianas, a qual se baseia no pressuposto de que os frutos do progresso tecnológico tenderiam a ser distribuídos de maneira equitativa entre as nações, desde que elas se especializassem naquilo em que tivessem maiores vantagens de produção. Segundo essa premissa, países historicamente produtores de bens primários não deveriam se industrializar, pois os benefícios do progresso técnico seriam alcançados mediante a divisão internacional do trabalho.

Desta maneira, o comércio internacional tenderia ao equilíbrio, uma vez que o progresso técnico dos centros seria distribuído para a periferia pela baixa nos preços dos manufaturados – por conta da produtividade. Em contrapartida, os produtos primários da periferia – de baixa produtividade – teriam um maior poder de compra, sendo desnecessária a industrialização. Assim, o modelo de distribuição do progresso técnico garantiria benefícios para todos o sistema de intercâmbio de produtos (Prebisch, 2000).

De modo contrário, Prebisch (2000) demonstra que a insistência no modelo primário-exportador faria da periferia prisioneira do modelo de subdesenvolvimento. Isto porque existe uma tendência à deterioração dos termos de troca dos bens primários vis-à-vis os bens manufaturados. Enquanto os bens primários – isto é, sem valor agregado – são barateados no mercado internacional favorecendo o mercado consumidor, os bens manufaturados sofrem incrementos no valor final devido ao alto grau tecnológico e valor produtivo. A própria natureza dos bens faz com que os bens primários sofram com dois episódios: a) podem ser produzidos por qualquer um devido ao baixo nível de complexidade; e, b) atinjam um grau de saciedade maior para os consumidores, que direcionam sua renda excedente para bens mais tecnológicos.

Conclui-se, a partir disso, que o progresso técnico tem se concentrado no centro, uma vez que os aumentos de produtividade não são repassados à periferia. Esse fenômeno surge da diferença na elasticidade-renda da demanda, pois à medida que a renda dos países

do centro cresce, a demanda por bens primários diminui e aumenta pelos industrializados. Esse processo é inverso na periferia, com uma necessidade sempre maior de bens manufaturados. De modo mais pormenorizado,

a tendência à deterioração dos termos de troca se constituiria por conta da diferença na elasticidade-renda das importações do centro e da periferia. A primeira seria inelástica, ou seja, diante de mudanças no nível de renda, pouco se impactaria a demanda por bens primários, mesmo porque se tratam de bens básicos e, portanto, com grau de saciedade bem estabelecido. Assim, se aumentasse a renda no centro, essa não seria direcionada para comprar mais alimentos, por exemplo. Já a segunda, a elasticidade-renda das importações da periferia tende a ser elástica. Ou seja, se aumentar a renda na periferia, é muito provável que aumente a demanda por bens manufaturados e diferenciados (Cardoso, 2018, p.112).

Nesse sentido, a recomendação do economista argentino para a superação da armadilha da tendência à deterioração dos termos de trocas é a mudança da estrutura produtiva tornando-a mais moderna via indústria. Ele argumenta que o desequilíbrio de renda entre o centro e a periferia poderia ser diminuído por meio da industrialização, que viabiliza a eficácia produtiva e técnica. A indústria, portanto, agiria como o núcleo de uma política de desenvolvimento que permitiria as economias latino-americanas requalificar sua inserção externa com maior grau de diversificação e complexificação produtiva (Couto, 2007).

Para alcançar o desenvolvimento, Prebisch não via outro caminho senão a industrialização da América Latina, pois “esta nova forma de desenvolvimento teria como objetivo principal a industrialização” (Prebisch, 1983, p.1079, tradução nossa). Todavia, essa transformação da matriz produtiva também deveria vir combinada a uma transformação social visando o rompimento com a lógica prévia de distribuição de renda. Pelo exposto, discorre que as ideias de Prebisch foram pioneiras e ofereceram um arcabouço teórico-prático não somente para compreender como também propor caminhos para o desenvolvimento da América Latina (Couto, 2007).

Segundo Couto (2007, p.56), Prebisch define o desenvolvimento econômico como mudança e disciplina: “mudança para facilitar o acesso à tecnologia e disciplina para aproveitá-la com eficácia e distribuir seus frutos equitativamente”. Essa mudança do padrão de vida para maior bem-estar social dependeria da produtividade e da distribuição de renda. Desse jeito, para que este desenvolvimento ocorresse, seriam necessárias transformações de estruturas, com destaque para a estrutura industrial visando o progresso

técnico. No entanto, o desenvolvimento implica um caráter multidisciplinar, que se defronta com problemas de diferentes ordens como econômica, institucional e social.

Convém ressaltar que as ideias fundacionais de Prebisch reconhecem a necessidade inclusive de um programa de desenvolvimento econômico, posto que ele não é tido como um processo espontâneo, mas sim induzido para a acumulação de capital e transformação estrutural da economia. Em suma, o desenvolvimentismo de Prebisch enfatiza a necessidade de superação da dependência da periferia em relação centro, sobretudo ao superar a deterioração dos termos de troca que aprisionava a América Latina em condição periférica (Couto, 2007).

3. Celso Furtado

Corroborando com a vertente estruturalista, o economista Celso Furtado concebe desenvolvimento de maneira mais precisa em seu livro “Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico” (1967). Cabe destacar que Furtado, assim como Raúl Prebisch, foi uma das principais referências teóricas na consolidação da abordagem estruturalista. Brasileiro nordestino, ele teorizou sobre a formação histórica do Brasil em seu mais famoso livro “A Formação Econômica do Brasil” (1958). Para além disso, também se constituiu enquanto uma referência sobre (sub)desenvolvimento econômico, dependência externa e industrialização latino-americana (Cardoso, 2018).

Dando continuidade à discussão anterior, Furtado (1977) percebe o Desenvolvimento Econômico comparando-o com o conceito de Crescimento Econômico, pois isso facilita a definição dentro de uma heterogeneidade semântica. Desse ponto de vista, o crescimento refere-se ao aumento do fluxo de renda com a expansão quantitativa da riqueza gerada ou até mesmo da produção real no quadro de um subconjunto econômico. Por outro lado, ele evidencia que “o aumento do fluxo de renda, por unidade de força de trabalho utilizada, tem sido aceito, desde a época dos clássicos, como o melhor indicador do processo de desenvolvimento de uma economia” (Furtado, 1977, p.90).

De forma simplificada, o crescimento atua como condição crucial para se alcançar o desenvolvimento, mas não é suficiente. Isto também não significa que haja desenvolvimento sem crescimento, pois ambos os conceitos são interdependentes dentro de um conjunto econômico nacional. Assim, o Desenvolvimento Econômico compreende o Crescimento Econômico, porém o transcende ao propor modificações estruturais na

economia.

O conceito de crescimento deve ser reservado para exprimir a expansão da produção real no quadro de um subconjunto econômico. Esse crescimento não implica, necessariamente, modificações nas funções de produção, isto é, na forma em que se combinam os fatores no setor produtivo em questão (Furtado, 1977, p.91).

Na concepção de Furtado (1977), o desenvolvimento econômico é o acúmulo de capital a partir de combinações mais eficazes dos fatores de produção. Essa acumulação, todavia, deve estar subordinada à lógica de incentivos materiais com a melhora da qualidade de vida da sociedade. Outra característica fundamental são as modificações na produtividade média, as quais acarretam transformações tanto na forma como se distribui e utiliza a renda como na estrutura do conjunto complexo da economia. Posto isto, a elevação da produtividade média do fator do trabalho sempre deve ocorrer, embora também haja a necessidade de mudanças na composição estrutural da economia. Sintetizando, o termo refere-se, ao mesmo tempo, a um processo de acumulação, progresso técnico e expressão de valores de uma coletividade:

o desenvolvimento tem lugar mediante aumento de produtividade ao nível do conjunto econômico complexo. Esse aumento de produtividade (e da renda per capita) é determinado por fenômenos de crescimento que têm lugar em subconjuntos, ou setores, particulares. As modificações de estrutura são transformações nas relações e proporções internas do sistema econômico, as quais têm como causa básica modificações nas formas de produção, mas que não se poderiam concretizar sem modificações na forma de distribuição e utilização de renda (Furtado, 1977, p.93).

Diante disso, o desenvolvimento econômico diz respeito à mudança da estrutura produtiva por meio de sua sofisticação e ampliação na medida em que se substituem setores arcaicos por setores avançados rompendo com o subdesenvolvimento. Um outro elemento pertinente ao conceito é colocá-lo como resultado de um projeto nacional, o qual não é espontâneo ou automático. De outro modo, a intencionalidade é um requisito básico para nações desenvolvimentista, pois não se pode existir desenvolvimento sem ação racional, planejada e orientada pelo Estado, isto é, sem ação institucional (Furtado, 1977).

Embora os traços econômicos sejam fundamentais na definição, também é preciso considerar o caráter institucional de Estado Desenvolvimentista com “planejamento específico para oportunizar a acumulação de capital – crescimento econômico –, a expansão das potencialidades e das capacidades humanas e produtivas para ampliação, integração e sofisticação produtiva com a instauração de novas forças produtivas e sociais” (Moraes, 2023, p.38). Como finalidade última, esse processo de natureza institucional e, sobretudo econômica, gesta uma sociedade com maior bem-estar coletivo. O

desenvolvimento é um projeto, que deve garantir tanto o crescimento econômico, quanto no bem-estar da população.

Em uma análise breve, acrescenta-se que contrapor a Teoria do Subdesenvolvimento com a Teoria do Desenvolvimento, ambas formuladas por Furtado, é uma forma mais complexa e profunda de entender a súpula de suas ideias em um contexto latino-americano. Além disso, o economista destacava que existia uma dimensão histórica do desenvolvimento econômico, muito pouco debatida no início dos anos 1960 (Furtado, 2009).

Para Furtado (2009), o advento industrial na Europa do século XVIII (cuja expressão mais pura estava configurada na experiência inglesa) provocou uma ruptura na economia mundial e condicionou o desenvolvimento econômico subsequente em quase toda a Terra. A resultante foi, via de regra, a criação de estruturas híbridas em regiões periféricas com uma parte da economia se comportando como um sistema capitalista enquanto, a outra, se mantinha em uma estrutura pré-capitalista já existente. A coexistência desses dois sistemas, chamada por ele de dualismo, criou a concentração de renda, baixos salários e atividades de exportação primária que permitiam as classes mais abastadas, mas não ao resto da população, o acesso à diversificação de consumo.

No que concerne, mais precisamente, ao subdesenvolvimento, pode ser classificado como consequência de uma trajetória histórica do capitalismo que fez com que existissem países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Nas palavras de Furtado, é “um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento” (Furtado, 2009, p.153).

O subdesenvolvimento, por conseguinte, seria fruto das condições históricas que criaram obstáculos ao desenvolvimento pleno de países periféricos. Nesse momento, a Teoria do Subdesenvolvimento de Celso Furtado se une aos pressupostos do sistema Centro-Periferia de Prebisch para mostrar que o desenvolvimento é um fenômeno histórico, e como tal, se formulou de diferentes maneiras em diferentes locais.

Na América Latina, por conta da colonização desde o século XVI, os países foram se desenvolvendo de uma forma dependente em relação ao centro. Essa dominação tem uma natureza cultural, econômica, como também política. Disso decorre que o subdesenvolvimento não é um simples atraso, mas “a outra face da moeda do

subdesenvolvimento” (Bresser-Pereira, 2006). Desse contexto de dependência e exploração das economias periféricas pelas centrais, criou-se uma estrutura econômica, social e institucional subdesenvolvida, marcadas pela baixa produtividade, diversificação e pelos conflitos sociais.

O desenvolvimento, em cenário latino-americano, mais do que lograr avanços produtivos, deve romper com o dualismo interno e a dependência externa, tentando criar novas relações de produção ao democratizar o capital econômico, cultural e social. A condição de subdesenvolvimento nada mais é do que coetânea com a de desenvolvimento, e somente pode ser superada com a adoção de uma estratégia nacional de desenvolvimento conduzida pelo Estado. A industrialização, portanto, pode atuar no sentido de criar maiores capacidades germinativas e transformadoras das estruturas das economias atrasadas (Furtado, 2009).

As nações periféricas são marcadas pela ausência de centros internos de decisão que limitam a capacidade de romper com a dependência tecnológica, o subemprego estrutural e a heterogeneidade econômica (dualismo). Embora possa existir modernização social, o subdesenvolvimento pode coexistir, pois é resultado de condições históricas que impediram a superação do sistema pré-capitalista. Em decorrência disso, a superação desse quadro exige estratégias para além das políticas convencionais, conectando uma política de industrialização com planejamento interno e transformações estruturais de longo prazo (Furtado, 1977).

Como efeito, a maior contribuição do desenvolvimentismo de Celso Furtado foi, no plano econômico, a compreensão de desenvolvimento econômico enquanto uma mudança estrutural, isto é, colocar a centralidade do papel do Estado em impulsionar forças produtivas industriais capazes de transformar as estruturas da sociedade. Ao formar o referencial teórico cepalino-estruturalista, o foco do desenvolvimento na América Latina é romper com a armadilha histórica do subdesenvolvimento. Para isso, deve-se atuar tanto do lado da oferta, ao transformar a matriz produtiva em direção com capacidades germinativas tal como a industrialização, como da demanda ao modificar o perfil dessas economias de modo mais inclusivo (Furtado, 2009).

4. Considerações finais

Sumariamente, o artigo pretendeu revistar o conceito de desenvolvimento

econômico na perspectiva latino-americana de Raúl Prebisch e Celso Furtado, ambos oriundos da tradição estruturalista da Cepal. Dessa forma, Furtado e Prebisch operacionalizaram de forma inédita o desenvolvimento ao demonstrar a necessidade de um arcabouço teórico-metodológico específico para a América Latina. Ao revisitar as bases teóricas, nota-se que o caminho para a superação da armadilha do subdesenvolvimento sugerido pelos autores é a industrialização, posto que o setor secundário é o único capaz de gerar produtividade, aumento de renda *per capita*, inovação e, ainda, romper com a deterioração dos termos de trocas.

Enquanto Prebisch focaliza suas interpretações na teoria do centro-periferia, Furtado se destaca ao diferenciar crescimento de desenvolvimento ao mesmo tempo que explora o subdesenvolvimento. Conclui-se, logo, que apesar das perspectivas de Furtado e Prebisch serem do século passado, suas análises ainda permanecem relevantes, ainda mais em um contexto de avanço do pensamento neoclássico e neoliberal. Ou seja, a abordagem latino-americana da Cepal continua a ser uma ferramenta valiosa para entender os desafios impostos ao desenvolvimento da América Latina. Situações sobre a dependência externa, a desigualdade estrutural, necessidade de políticas industriais induzidas pelo Estado e um projeto de nação são debates que podem ser descobertos a partir desses autores.

5. Referências

BIELCHOWSKY, Ricardo. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL: uma resenha. In: BI-ELCHOWSKY, Ricardo (Org.). **Cinquenta anos de Pensamento na Cepal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Conceito histórico de desenvolvimento econômico**. Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EESP), 2006. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/1973>. Acesso em: 21 jul. 2025.

CARDOSO, Fernanda. **Nove clássicos do desenvolvimento econômico**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

COUTO, Joaquim Miguel. O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 45–64, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8642830>. Acesso em: 7 jul. 2025.

FURTADO, Celso. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional, [1967] 1977.

_____. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. 5 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, [1961] 2009.

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e os seus principais problemas. In: BIELCHOWSKY, Ricardo. **Cinquenta anos de Pensamento na Cepal**. Rio de Janeiro: Record, [1949] 2000.

_____. Cinco etapas de mi pensamiento sobre el desarrollo. **El Trimestre Económico**, Vol. 50, N. 198(2), 1983, p. 1077-1096. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23395714>. Acesso em: 08 jul. 2025.